

MENINOS DE RUA – 1/99

Um dia desses, eu vinha caminhando pela Av. Ivo do Prado e vi um ônibus, que ia em direção à Atalaia, com muitos menores agarrando-se nas janelas e porta traseiras e, inclusive, no cano de descarga, ou seja, uma aventura com altos riscos. Este ônibus parou num ponto e quando partia, o trocador impediu que aqueles menores continuassem a colocar em risco as suas vidas. O maior deles, aborrecido, procurou algo e encontrou uma lata de tinta, de 1 quilo vazia e atirou-a contra o ônibus. Eu chamei sua atenção, porque sua atitude poderia ter causado dano ao ônibus e ferido algum passageiro. Ele respondeu-me que atirou a lata para se vingar do trocador.

Um senhor que assistiu nosso diálogo, disse: “Esses guris estavam instantes atrás, ali no canto daquela praça, cheirando cola. Eu até pensei em tomar-lhes a cola, mas raciocinei: E se a reação deles for violenta? E se para defender-me, eu causar-lhes algum mal? No fim serei eu o indiciado por transgredir o Estatuto do Menor e Adolescentes. Por isto, eu fiquei na minha e eles continuaram cheirando cola”.

Na mesma avenida, mais à frente, no sinal da esquina com a Av. Augusto Maynard, enquanto as mães estavam sentadas nos bancos da praça e conversavam descontraidamente, seus filhos menores disputavam as janelas dos carros ali parados em troca de uns centavos.

Este quadro, aliado ao quadro anterior, fez-me pensar:

A sociedade, na sua frieza, desinteresse e para desencargo de consciência, faz de suas esmolas a essas crianças um trampolim para o vício e a prostituição.

Esta situação é cada vez mais constante em nossas praças, ruas e avenidas. Será que a sociedade não consegue ver que essas esmolas dadas às crianças nas ruas é um desserviço à formação do caráter e personalidade desses menores? E as autoridades executivas, legislativas e judiciárias não poderiam descer de seus carros, às vezes, blindados, com ar condicionado e motoristas, sentir o drama dessas crianças e tomar alguma iniciativa no sentido de resolver o problema? E as associações de classe, não poderiam ter uma visão maior de cidadania e lutar, com o mesmo ardor que lutam para defender os seus interesses, para tirar essas crianças das ruas? E as religiões, inclusive proprietárias de estações de televisão, para ir além do que pregam, não poderiam adotar algumas dessas crianças? O que não adianta, é de uma lado fazer campanha contra o desemprego e do outro manter colégios, os quais somente podem frequentá-los aqueles que fazem parte da elite.

A imprensa também poderia adotar esta causa, A um canal de TV, eu sugeri que, através de debates, com a participação dos telespectadores, institucionalizasse uma campanha para retirar essas crianças das ruas. Como não dá “IBOPE”, ficou só na sugestão.

Edmir Pelli
Aposentado

Encaminhada em 12/04/99

Aracaju, 3 de maio de 1999

Ilmo. Sr. DEPUTADO
MARCLO DEBA

Cada ano que passa, maior é o número de jovens que deveriam estar nas salas de aula, mas estão nas ruas e avenidas de nossa cidade esmolando.

**Qual deverá ser o futuro dessas crianças?
E, nós outros, devemos continuar fingindo que isto não nos afeta?**

Em anexo encontra-se cópia de carta sobre o assunto, que encaminhei a um jornal de Aracaju, solicitando sua publicação. Infelizmente, por falta de espaço ou por não ser considerada importante, não foi publicada.

Por isto, resolvi encaminhá-la diretamente, na esperança de que a leitura da mesma, possa despertar sua atenção para o problema.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente,


Edmir Pelli